

ex. 16
art. 164

Canção, em feitiço de discurso com pretensões científicas,
para dizer muito obrigado a uma
ilustre cientista

Falar de Maria, ainda que fosse de qualquer Maria, é operação que naturalmente se envolve de poesia e que melhor se realizaria num poema ou num samba canção. Todos temos em casa Maria, avô, mãe, irmã, esposa, filha, neta. Ou a encontramos entre as mais chegadas amizades. Marias, sempre, ao redor de nós. E mesmo que houvesse alguém carente de Maria de carne e osso, ^{não} haveria decerto quem não a trouxesse no coração, como rosa viva, ainda que encoberta na densa folhagem do esquecimento: Maria fonte de todas as Marias, Maria da mais singela e espontânea das orações, balbuciada em nossos tempos meninos. Ave Maria!

Ora, acontece que, a convite de uma certa Maria, devo aqui falar de uma outra Maria, que com ela reparte muito de nossas boas lembranças deste Instituto, as glórias da ciência, o encanto feminino, as origens científicas. Ave Marias!

Tão grande responsabilidade de identificação de uma entre tantas Marias, obriga-me repassar o que . . . impropriamente chamaria de bibliografia-- toda a lista de gravações que tenho reunido, de músicas e canções falando de Maria. São as fitas magnéticas que subordinei ao título geral de "Tema das Marias".

Encontro Maria apenas, Maria de meus pacados, Maria minha fé, Maria que canta, uma certa Maria, Maria dos olhos grandes, Maria Ninguém, Maria que sonha, Maria do Maranhão, Maria do Morro, Maria Moita, Maria dos olhos tristes, Maria escandalosa e candelária, Maria do futuro, Nha Maria, Maria do Carnaval e das Cinzas, Maria que inspira poema quando parte, Maria da lata d'água na cabeça, Maria Portugal, Maria Bonita, Maria Pequena, Maria que conversa com João, . . . Maria que é triste, Maria cabrocha, Maria Filó que vai de trem, Maria Fulô que lembra Jorge de Lima, porém é samba.

Marias classificadas, como se vê, pelo aspecto físico, pelas circunstâncias, pelo bem ou pelo mal que acaso hajam feito, por suas origens geográficas. Marias, muitas Marias, nenhuma entretanto

daquelas meias palavras que Rocha Lima dizia próprias da diplomacia, porém não da ciência. Que o diga a verdadeira pregação, a quase briga intelectual que armou quando, em certo momento, aqui apareceram alguns oportunistas da ciência num gratuito endeusamento do lisen - quismo.

Clemente dos inconformismos, sempre à busca de novas explicações para o que se supunha ressabido, Clemente que passou logo do frio trabalho taxonômico para aspectos mais vivos da ciência.

Pois entre os muitos jovens que viviam enchendo de agradável burburinho o laboratório de Clemente Pereira, um dia apareceu uma tímida Maria, tão diferente, no "habitus", do próprio Clemente, e tão identificada com ele e sua maneira de ser, como depois revelaria. Chegou para ficar, para ser parte da alma daquele laboratório, para tomar café em canequinhas de ágata, para olhar de olhos muito cheios a imensidão que tinha pela frente, a perscrutar e tentar compreender.

Era Maria Pereira de Castro, simplifadamente chamada de Maria Pereira, talvez para mais fácil identificação com o mestre. Não seria a única Maria científica do Biológico. De meu tempo eram três, muito unidas-- a Pereira, a Siqueira e a Brasil.

Maria Pereira foi das primeiras que aqui chegaram, provenientes dos cursos de ciência da Universidade de São Paulo. Muitos talvez ignorem que a implantação desses cursos não se fez sem reações. Até tentativa de depredação houve contra as instalações ^{PROVISÓRIAS} de uma das novas cadeiras ^{NUMA} das velhas faculdades. Mas o Instituto Biológico sempre fôra, em contraste com a

"selva selvaggia el aspra e forte"

de tantas instituições brasileiras edificadas em torno de diplomas e não valores humanos, um jardim educado, onde Neiva e Rocha Lima timbraram em ter mistura de profissionais de várias origens, para um mais produtivo cruzamento de idéias.

Era natural que aqui se recebesse alegremente a recém-chegada Maria, com seu título de bacharel em História Natural da USP.

Um título que só muito mais tarde se completaria com o de doutor, como sempre deveria ser, título maduro, fruto de muita experiência real, e não formalidade a mais, que se preenche em apressados cursos ou teses feitas para morrer no dia em que defendidas. Bacharel em 1942, Maria Pereira só se doutorou em 1969 com uma tese de complicado nome: "Variação Clonal na linhagem celular sùina IB-RS-2 em relação à morfologia, cariótipo e suscetibilidade ao vírus aftoso". Nome complicado que resume, entretanto, uma longa carreira de especialização e diferenciação coerente a partir de seus primeiros interesses.

No começo Maria trabalhou como voluntária na seção do Clemente, a Parasitologia Animal, enquanto seguia curso de Dobzhansky, o admirável geneticista e evolucionista da "transcendência".

Sob direta orientação de Clemente, estudou vermes e ácaros e fez pesquisas iniciais de cultivabilidade de protozoários patogênicos e seus ciclos evolutivos. Em 1951, estagiou no Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro para familiarizar-se com as mais modernas técnicas de cultura de tecidos, sob a orientação de Carlos Chagas e Hertha Meyer. No Adolfo Lutz seguiu curso de diagnóstico etiológico de doenças produzidas por vírus e riquetsias, ministrado por Luís Sales Gomes e seus colaboradores. Com outro curso se enriqueceu no mesmo ano, sobre efeitos biológicos das radiações, dado por Pavan e seus colaboradores, e mais outros dois, sobre atualização em biofísica e enzimas do metabolismo intermediário, este último por prêmio Nobel, Severo Ochoa. Seguiram-se estágios nos Estados Unidos e visitas a esse país, à Alemanha, Inglaterra e França para observação de laboratórios e participação em congressos.

Há chamados cientistas que passam a vida a fazer cursos. Seguem-nos de tudo, desde filatelia a exobiologia, olhos postos nos pontos que cada diploma possa valer em possível concurso ou confronto para promoção.

Mas os cursos que Maria Pereira seguiu, fácil é ver, guardam todos relação profunda com o trabalho de grande vulto que ela sonhou realizar, e realizou.

5

No terreno dos ácaros não se limitou a medir espículas, mandíbulas e sei lá o quê. Embora mostrasse exuberantemente essa capacidade, com Clemente Pereira, em sua crítica à coorte Acarina, na descrição de novas espécies desses artrópodes e no estabelecimento de sistema de classificação acolhido por todos os especialistas, encaminhou-se para aspectos mais amplos, como a alimentação das proteroninfas de *Boophilus*, onde derrubou velhos conceitos, a forese e partenogênese arrenótica, a cultura de ácaros.

Com o mesmo espírito clementiano procurou estudar, e o fez brilhantemente, a reação dos tecidos às lavras de Habronema, em esponja experimentalmente produzida, em colaboração com o sempre lembrado Manoel J. Mello.

Começam em 1955, fruto da especialização em cultura de tecidos, seus principais trabalhos solitários ou nos quais já aparece como orientadora, embora até 1958 esteja presente a colaboração de seu orientador Clemente, em alguns trabalhos.

Ocupa-se do toxoplasma, esse curioso protozoário que durante tanto tempo viveu encapuzado, sem que ninguém soubesse onde colocá-lo. E descreve a divisão múltipla desse insidioso parasito, que tão longamente fingiu atacar apenas alguns animais e só muito mais tarde foi desmascarado como agente infectuoso humano.

A descoberta da esquizogonia indicava a posição que deveria ocupar o toxoplasma^{no} sistema parasitológico, o grupo dos esporozoários. O ceticismo cercou essa noção até que estrangeiros a confirmaram. Santo de casa não faz milagres. Especialmente santo brasileiro. Foi um paciente trabalho esse, começado em 1955 e chegado ao ponto crucial três anos depois, em artigo publicado com Vicente Amaral.

Montada a excelente seção de biologia celular no Instituto Biológico, passou Maria a chefiá-la, depois de haver dirigido a seção de parasitologia, que^{se} transformou naquela, depois do afastamento de Clemente Pereira, escolhido para diretor do Departamento de Zoologia.

Começou a estudar o comportamento do vírus da aftosa em culturas celulares em 1957, com Durval de Mello. Era o início de um be

lo caminho, que todavia não a afastou de outras preocupações, como o desenvolvimento do bacilo da hanseníase e a influência da temperatura no crescimento de leishamania, em cultura de tecidos.

Mas é o vírus aftoso o seu alvo predileto. Descreve-lhe a multiplicação e o efeito citopatogênico, a antigenicidade quando cultivado em tecido renal de bovino, e afinal estabelece uma linhagem especial de células renais de suínos adaptável à cultura do vírus e produção de vacinas. Se nos estudos sobre o Mycobacterium leprae teve a colaboração de P.R. de Souza e M.P. de Azevedo, nos outros contou com a de S.C. Pinto, E.E. Trapp, P.A. de Mello, W.Su gai, R.C.B. Pisani, Inês Koseki, J.R. July, L.Pustiglione Neto, A. Pinto, C. L. de Almeida Toledo, Tauba G.Abuhab, M.A.La Regina Rodrigues, M.H. dos Reis.

São profundas as pesquisas para caracterizar e estabilizar a linhagem, a que dá o nome IB-RS-2. A excelência dessas células para fabricação de vacina contra a febre aftosa no porco é amplamente reconhecida na França e na Espanha. Tão importante foi essa contribuição, que a visita de Maria Pereira à Espanha, a convite desse país, foi uma apoteose, partida tanto de cientistas quanto de criadores.

Se o I. Biológico fosse uma empresa, essa linhagem seria um mistério guardado a sete chaves. Mas como é instituição mantida pelos dinheiros públicos para criar ciência e abrir caminhos tecnológicos úteis ao Brasil e à humanidade, a linhagem se difundiu por laboratórios de produção e a própria Maria Pereira os assessorou nesse trabalho. Não se pode confundir, sem grave risco, o cientista com o comerciante. Ele é antes e acima de tudo um sementeiro.

Talvez se possa dizer que o trabalho de Maria Pereira e seus ilustres colaboradores, nesse terreno, tiveram maior repercussão no Exterior do que em nosso País. Aqui ainda é, e será talvez por muito tempo, vezo preferir o tão falado "Know how" estrangeiro mesmo onde o brasileiro seja maior e mais antigo. E com gran

7
de alarde se aplaudem os feitos exteriores, enquanto cai o silêncio sobre a obra fundamental de gente nossa. O que todavia não impediu participasse Maria Pereira durante 5 anos de importante plano de estudo do vírus da aftosa, mantido pelo Departamento de Agricultura - dos Estados Unidos. Os estudos de Maria Pereira continuavam em pleno entusiasmo, em busca de novas possibilidades de vacinas contra vírus, feitas com células cultivadas, de linhagens especialmente diferenciadas, geneticamente identificadas e controladas. Assim chegou a obter um mutante citopatogênico do vírus da peste suína.

De repente, "não mais que de repente", corre a notícia de que Maria Pereira, a modesta Maria de obra tão gloriosa, que não só criou excelente laboratório mas nele orientou muitos estagiários, formou novos pesquisadores e animou numerosos colaboradores, a modesta e coerente Maria Pereira se decide a aposentar-se, justamente quando a carreira de pesquisador científico lhe ofereceria, embora tardiamente, o reconhecimento salarial que até então o governo deixara de dar, a partir de certa época, aos cientistas dos institutos.

Maria deixará saudades. E deixa um grande exemplo, digno aliás das tradições do Instituto Biológico, o espírito de integração que desde o início presidiu este instituto. Sua vida modeladamente vivida e os resultados que de seu trabalho surgiram, são prova de que o espírito dos nossos fundadores é o espírito certo numa casa de ciência.

Não sei os motivos que levaram Maria à decisão de partir. Pelo muito que sofreram os nossos institutos, pelo demorado fanar de tantos de nossos sonhos, intromete-se em meu pensamento a melancolia dos versos outoniços de Rilke, quando percebe gestos de renúncia no cair das folhas:

Sie fallen mit verneinender Gebärde

Mas pode ser que Maria apenas ache que, bem plantada a semente, é tempo de repousar.

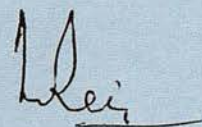
Alguma decepção, Maria? Ou, dentre as muitas, que todos que passamos pela ciência as temos, especialmente quando paira sobre toda ela o espírito do empresariamento da pesquisa, daquilo que, a nosso ver, será a morte da criatividade e dessa mobilidade, que você tão bem demonstrou, com seu exemplo? A mobilidade de deixar de pesquisar livremente, passar de assuntos puros a aplicados e vice-versa, tudo redundando afinal em benefício para o país e a ciência mundial, maior do que colherão os projetistas que cuidam fazer da ciência um cardápio organizado às vezes por cozinheiros alheios à essência e ao sabor mesmos da ciência.

Decepção, cansaço, sentimento de dever cumprido, quem sabe excesso de modéstia, seja lá qual for o seu motivo, todos nós o compreendemos. E aplaudimos a grandeza e beleza de seu trabalho.

Das sementes que lançamos ao longo de nossa estrada, muitas são levadas, pela indiferença do vento, a germinar longe de nós. Outras são destruídas pela voracidade de certas aves. Ainda outras se perdem no roldão da enxurrada dos contumazes demolidores, dos que só sabem edificar em terreno previamente reduzido a planície, para que sua pequenez possa avultar. Mas algumas ficam, Maria, algumas ficam presas ao solo ingrato pela força do idealismo que as impregnou. E rompem a terra, e crescem como árvores.

Estou a ver, numa paisagem do futuro, um viajante a percorrer o caminho que nos é familiar, e nele deter-se diante de uma árvore frondejante, buliçosa de vida. Ele a encara e mede de alto a baixo, admira a profusão de frutos, sente nestes a palpitação das sementes. Vejo-o menear a cabeça, admirado, e com um sorriso de reconhecimento dizer:

Maria do Clemente!



10/12/76